



MARCIA ALVARO

Nesse momento de definições, inclusive na área cultural, e sob o peso da falência do MAM do Rio de Janeiro, Brasília ganha um museu. Uma obra que inverteu o processo arquitetônico racional! foi concebido com um propósito e acabou sendo usado para outro. As críticas choveram. Não apenas por ter sido tirado do índio — que ganhou um novo projeto do próprio Oscar Niemeyer a ser construído na UnB, sem que se tenha notícia de que haja recursos possíveis para tanto — mas por inadequações ao novo uso.

O Caderno 2 do *Jornal de Brasília* levou os artistas plásticos Sônia Paiva, Eduardo Cabral (presidente da Associação dos Artistas Plásticos do DF), Elder Filho, Zélio Visconti e o arquiteto Antônio Eustáquio (autor do projeto de revitalização do espaço cultural da 508 Sul) para uma visita ao Museu de Arte Moderna de Brasília. O grupo analisou cada detalhe do prédio e o balanço final revela a necessidade de fazer adaptações, mas a beleza da arquitetura de Niemeyer é indiscutível, na opinião de todos. Cabral e Eustáquio, que entraram no museu em momentos diferentes, tiveram a mesma sensação: a lembrança da forma espiral, em menor escala, do Guggenheim Museum, de Nova Iorque. Mas foi o pintor Wagner Barja, que apareceu mais tarde, quem apontou o caminho para o MAM — ser o ponto de partida para um complexo cultural, nos moldes do Beaubourg, de Paris, o que superaria suas dimensões reduzidas e aproveitaria o espaço privilegiado que há à sua volta.

A grande preocupação do grupo, entretanto, é em relação à própria definição do Museu. Quem vai administrá-lo? Criado pelo então ministro da Cultura José Aparecido a instituição está no âmbito do Governo Federal, mas a comunidade cultural local reivindica sua transferência para o GDF por receio de que ela se perca em meio à disputa por migalhas de recursos no magro orça-

Muito museu e poucas musas

MAM de Brasília é visto por artistas para ganhar sentido

mento destinado ao setor (0,5% do total da União). Quais serão as propostas de trabalho do Museu? Os artistas apóiam o projeto de seu diretor, Marcus Lontra da Costa, de deixar a formação de um acervo — empreendimento al-

tamente oneroso — em segundo plano para priorizar a organização de um centro informativo — com livros, fotos e vídeos — para pesquisa.

A situação do Museu, em ter-

mos organizacionais, é caótica. Foi inaugurado por um ministro que não é mais ministro, sua pasta acabou e a instituição ficou sem patrão. O museu não tem um conselho consultivo, não tem estatutos e seu diretor, funcionário do ministério extinto, está desempregado, embora continue trabalhando e organizando as exposições já programadas para esse ano.

É preciso reavaliar tudo, na opinião do grupo que visitou o museu. "Este é um momento muito delicado. O governo acabou com a Lei Sarney e este museu foi construído com dinheiro gerado pela Lei Sarney", pondera Eduardo Cabral. "A Fundação Banco do Brasil, que financiou a obra, ninguém sabe se vai continuar existindo e se esperava poder captar mais recursos através da lei de incentivos fiscais à cultura". Todos concordam que é preciso encontrar caminhos viáveis para a manutenção do museu, garantindo sua permanência como tal. "É um espaço muito importante e não podemos perdê-lo", reconhece Sônia Paiva.

Também é consenso comum que não adianta querer depender exclusivamente do Estado, com o que concorda Marcus Lontra: "Antes da Lei Sarney, grandes empresas já investiam em iniciativas culturais e vão continuar a fazê-lo. O museu está vinculado à máquina administrativa, mas é um erro recolher-se à dependência da burocracia".

Cantoneiras de cozinha — A pressa de inaugurar o museu esteve ligada à urgência de colocá-lo em funcionamento e garantir sua permanência. O imprevisto foi inevitável e o prédio não passa em uma inspeção grosseira por qualquer entidade internacional que se engajar em uma exposição que se realize ali. Elder Rocha observa que as frestas de ventilação trazem poeira para dentro do prédio — convivência impossível com os quadros. Só foi possível fazer a grande mostra das pinturas do venezuelano Reverón, que inaugurou o museu,

Programação

Arte e Festa, Brasília 30
reunião de vários artistas da cidade, no seu aniversário

21/04

Arte e Tecnologia
Organização UnB arte a partir de imagens realizadas por computador.

13/05

Retrospectiva Carlos Scllar

sem data

100 anos da morte de Van Gogh
Organização Universidade Federal de Juiz de Fora

sem data

O Bispo
obras do interno descoberto por Frederico de Moraes e que começou desfiando o próprio uniforme para construir obras de arte que estão hoje no Museu do Inconsciente

sem data

porque os quadros estão protegidos por acrílico.

Essa proteção, entretanto, evidencia outra falha. A posição inadequada da iluminação halógena. Muito baixas, em ângulo quase reto com os quadros, refletindo tanto — ajudadas pela luz natural da parede central de vidro — que em muitos casos é impossível enxergar a tela.

Zélio achou pouco digna a solução encontrada para afastar os quadros da parede de exposição, que também é externa e, conseqüentemente, sujeita à umidade natural. "Os suportes usados como distanciadores não passam de cantoneiras que não coloco na minha cozinha".

O museu é na verdade "uma grande galeria", na definição de Antônio Eustáquio, porque é preciso ainda aparelhá-lo. "O espaço é maravilhoso, mas é necessário adaptá-lo ao seu uso porque o projeto arquitetônico foi feito com outro propósito". Mesmo para os problemas com a luz há solução, no seu entender. "As luminárias podem ser levantadas e colocadas em ângulo de 45 graus com os quadros e para a incidência da luz exterior, painéis móveis são uma solução prática e barata, usada em vários museus do mundo, inclusive no projeto de Lina Bo Bardi para o MASP".

O prédio exige também sua climatização — o sistema de ar

condicionado não foi previsto no projeto original embora possa ser adaptado e esteja nos planos de Lontra — para permitir que sejam vedadas as frestas de ventilação e garantir a estabilidade da temperatura e grau de umidade incidente sobre as obras. Segundo seu diretor, o maior problema é a variação da umidade do ar. "Dentro de 24 horas pode subir de 22% durante o dia para 78% à noite; essa mudança tão brusca é uma agressão à obra".

Eduardo Cabral critica também os painéis curvos projetados por Niemeyer e jogados no espaço livre. Estas formas são inadequadas e acabarão limitando-se ao uso informativo, mas não como expositores. "Os painéis não são suficientes também para quebrar o amplo espaço, pouco acolhedor na opinião de Zélio. "O espaço é belo, mas não leva à reflexão; é dispersivo".

Todos se rendem, entretanto, ao pátio interno que se forma com a espiral do prédio do museu. "Este movimento em direção à terra, ou saindo dela, é incrível", observa Eustáquio. "é a forma orgânica que desemboca nesse pátio maravilhoso". O pátio, coberto por uma armação suspensa em concreto, tem uma acústica natural invejável e é perfeito para performances, dança e música, além de exposições de esculturas. É mais uma das armadilhas das obras de Niemeyer.